

A ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS ENQUANTO OBJETO-FONTE

Savio Queiroz Lima¹

Resumo:

Acompanhando os avanços proveitosos nas abordagens e nos métodos da historiografia contemporânea, valendo-se da multidisciplinaridade e na inteligibilidade de novas fontes e objetos, o presente artigo busca auxiliar a pesquisa sobre as histórias em quadrinhos dentro dos amplos campos científicos onde podem ser debruçadas. A pesquisa sobre quadrinhos demonstra um enérgico avanço e os aprofundamentos teóricos e metodológicos são indispensáveis para a seguridade de sua aplicabilidade enquanto objeto e fonte dentro das diversas pesquisas. O artigo elabora reflexão sobre a natureza de objeto-fonte das histórias em quadrinhos, quando sua dissociação entre ser objeto da História e fonte de conhecimentos históricos e sociológicos não contempla a riqueza informativa de sua análise. Em diálogo direto com autores que priorizaram em produções científicas discussões renovadas sobre objetos e fontes em novas abordagens ou recentemente aplicadas nas construções dos conhecimentos humanos.

Palavras-chave: Teoria-metodologia da História, Historiografia, Histórias em Quadrinhos.

Considerações Iniciais

As mudanças nos paradigmas historiográficos produziram uma amplitude tanto nas fontes de pesquisa quanto nas eleições de teorias e métodos. Com isso, abrange-se um leque funcional para diversos diálogos entre pesquisadores na produção de um mais vasto e profundo espaço ao conhecimento humano. Com tal premissa, as histórias em quadrinhos veem conquistando cada vez mais espaço nas reflexões acadêmicas sobre diversas

¹ Historiador, formado pela Universidade Católica do Salvador, produz pesquisa sobre as relações sociais e culturais que envolvem os discursos e representações nos tempos e espaços das sociedades envolvidas e nas histórias em quadrinhos. Membro do Núcleo de Estudos Africanos (Uneb), do Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais (NPEC) e da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS), atualmente ingresso no programa de mestrado em História da Universidade Salgado de Oliveira. savio_roz@yahoo.com.br

abordagens, sendo entendidas tanto como objetos da história quanto fontes de informações historiográficas.

Não se trata de uma maneira tão inovadora, apenas de um ponderar mais crítico sobre as possibilidades de uso da mídia. Assim como aconteceram com outras fontes e objetos, é preciso pensar sem ingenuidade sobre sua existência e uso na prática historiográfica e nas produções de conhecimentos em diversas áreas, preferivelmente com multidisciplinaridade. E é essa multidisciplinaridade quem fornece uma nova força para a produção de conhecimento nas últimas décadas, havendo câmbios entre teorias e métodos de múltiplas ciências.

Ainda que não atrapalhe o já vantajoso avançar que os estudiosos efetuam sobre o uso das histórias em quadrinhos em estudos acadêmicos, é providencial tratar dessa natureza epistemológica inerente. Sem adentrar, obviamente, nas querelas entre relativismo e perspectivismo, mas se pensando as relações que conhecimentos e fatos exigem para com seu pensador/pesquisador, a proposta, aqui, é ligar os fundamentos dos tratamentos sobre objeto da história e fonte histórica com as histórias em quadrinhos e o quanto plausíveis são seus usos e práticas.

Para isso, de forma bastante sistêmica e com franqueza de debate, são tratados os aspectos mais importantes na compreensão do que são objetos e fontes. O próprio estudo sobre esses dois conceitos e as práticas que os envolvem já conseguem assegurar a eleição mais segura das histórias em quadrinhos para ambos os casos, não apenas como justificativa, mas como projeto de prática historiográfica ainda pouco creditada pela instituição historiográfica vigente.

Neste momento de avanço dos estudos, a feitura de um exercício de reflexão sobre tais posicionamentos e domínios é mais que bem vinda e pode fomentar ainda mais avanços. Muitos estudos sobre histórias em quadrinhos oscilam entre seu uso como objeto de um determinado espaço de tempo e lugar, casos mais comuns, ou seu uso enquanto fonte de informações sobre uma realidade que o tem como elemento contemplado de diálogo e possível de questionamento. As histórias em quadrinhos abarcam muito mais que essa simples singularidade metodológica.

A Nova História das histórias em quadrinhos

A historiografia sofreu transformações importantes na passagem do século XIX para o século XX, fundamentalmente com os avanços argumentativos e uma maturidade no papel do historiador na ciência em evolução que é a História. Afastando do pindorama do positivismo e transitando cautelosamente entre os paradigmas em evidência, escapando dos limites de uma análise macroeconômica em sintonia com vestígios culturais de reflexões subjetivas.

A Nova História é fruto de uma maturidade intelectual que inundou a historiografia e que lhe trouxe entre muitas respostas seguras uma quantidade imensa de novos questionamentos, além da consciência do quanto as respostas não estão mais confortavelmente em documentos elegidos como prediletos. Essa nova historiografia em ebulição, juntamente com renovações dentro do materialismo histórico, fomentou uma crítica sintomática no outrora seguro tabuleiro da documentação.

Colocou em cheque o próprio conceito de documento, tratado nos fundamentos da ciência História como elemento fundamental e comprobatório da autenticação do conhecimento formulado pelo historiador passou a ser uma amplitude além do registro escrito, ressoando para outros meios de registro. O próprio trato do historiador sofreu mudanças, desvencilhando-se da aceitação dos fatos que observa, objetivamente, para se produzir criticidade através de uma abordagem dinâmicos com os objetos e fontes do passado (LE GOFF, 1990).

Os quadrinhos, carregados de “imagens parciais, distorcidas e subjetivas”, surgem para contrariar a máxima de “uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento” (LUCA, 2008, p.112). As transformações críticas sobre a noção de documento levou mais tempo para construir alicerces seguros, projetando uma revolução documental nos anos 60, onde se ampliam as noções de “texto” e com o advento da informática e os sistemas de registros e arquivamento transitaram focos de “fatos” para “dados” (LE GOFF, 1990, p. 467).

São, dessa forma, as histórias em quadrinhos, fontes que atendem aos novos apelos de uma historiografia crítica que tem por ponto de partida as inquietudes da Escola dos Annales diante de novos questionamentos que as fontes tradicionais não conseguiriam suprir em respostas. À medida que questões eram conquistadas com segurança e solidez,

novas questões, naturalmente, surgiam diante do explorador do passado ou mesmo do pensador que se apanha-se do humano e seus registros.

A terceira geração dos Annales atuou na construção do conhecimento historiográfico, através de estudos de pesquisadores como Pierre Nora e Jacques Le Goff, elaborou novas exigências que ampliaram a luminosidade diante de ocultas fontes que, então, começaram a exigir novos métodos e abordagens (BURKE, 1991). Entre uma infinidade de possibilidades que foram surgindo na nova visão do historiador, com mais abrangente campo de visão, as histórias em quadrinhos estavam longe de serem as primeiras fontes a serem trabalhadas, já que nem mesmo periódicos noticiários eram anteriormente tidos por fontes aceitáveis.

Era preciso começar a elucidar o quão grande era o trabalho a vir, buscando ordenar as fontes até então negligenciadas pela historiografia tradicional e a inabilidade diante das mesmas. A interdisciplinaridade foi fundamental na construção de uma rede segura de interações entre novas fontes e novas abordagens. O campo se ampliou mais que significativamente, construindo um diálogo mais inteligente entre os conhecimentos e fornecendo novos instrumentos bem como novas abordagens e temáticas, inserido “o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História” (LUCA, 2008, p.113).

Assim como “respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornais, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação” (LUCA, 2008, p.119), as histórias em quadrinhos são produtos da Indústria Cultural que fornecem respostas sobre os mundos representativos dialogados entre seus produtores e consumidores, não limitando a grupo ou militância política.

Os jornais periódicos bem como os quadrinhos sofrem igual interferência de representações e nos discursos que os documentos tidos como “formais” ou “oficiais” sofrem. Os mesmos perigos que afetam uma nota de governo ou uma carta constitucional habitam as linhas de uma carta pessoal, estão presentes nas sarjetas de uma história em quadrinhos. A dicotomia entre objetividade/subjetividade e imparcialidade/parcialidade não segrega as fontes, sejam elas quais forem, pelos seus tipos e formatos. Só podem ser feitas quando iniciam-se os questionamentos profissionais do historiador sobre as mesmas.

Como frutos diretos e intensos de um mundo, não apenas de um mercado, concentrado no espaço citadino, metropolitano, as histórias em quadrinhos exigem a compreensão de sua estrutura de objeto específico de um tempo e espaço orbitado no cosmopolitismo. Dessa forma, sem sombra de dúvida, “os estudos sobre o urbano constituíram-se em importante campo temático da pesquisa histórica” (LUCA, 2008, p.120).

De grande importância, como exemplo prático, os estudos que compreendam o mercado de quadrinhos a partir de um gênero de produto conhecido como super-heróis, ou, mais instrumentalizado, a Era dos Super-heróis, precisam separá-la de sua antecessora, o gênero de aventura, ou, destarte, a Hora da Aventura. Para tal eficácia, precisa desvendar as diferenças entre heróis de aventura e super-heróis, e a sedução fatal da superficialidade lhes fornece a ideia de que tal diferença existe na presença de superpoderes no segundo caso.

Essa diferença simplista colocaria objetos e fontes em conflito conceitual, gerando uma confusão que certamente interferirá as bases dos questionamentos que buscam respostas na Indústria Cultural das histórias em quadrinhos. Na transição de mercado, nos anos 30, em solo estadunidense, a alegoria dos poderes superiores e fantasiosos dos super-heróis teve muito menos importância que a deslocação dos cenários de atuações desses atores ficcionais, abandonando os perigos em outros mundos sociais e voltando-se para os conflitos internos tão presentes nos seus espaços urbanos.

Quando, então, acirraram-se “os debates [que] ultrapassaram as fronteiras dos novos objetos, abordagens e/ou problemas e introduziram outras fissuras no trato documental” (LUCA, 2008, p.113), ampliou-se imensuravelmente a quantidade de fontes históricas, agora exigindo do historiador a decisão de negar a ingenuidade diante dos documentos (LE GOFF, 1990, p. 427) e de novas abordagens diante das fontes tradicionalmente aceitas. As histórias em quadrinhos ainda batalham pelo seu espaço dentro desse novo carnaval de fontes, numa festa que ainda insiste em hierarquiza-las.

Nessa hierarquização tola, algumas fontes ganharam amarras para promover sua quietude, para que não ofuscassem as seguranças experimentadas em fontes mais usuais. As histórias em quadrinhos foram tratadas como fontes desejáveis para outros campos, que não a História, relegadas aos espaços da Comunicação e sua análise de discursos e das Artes e da sua análise semiótica. Na simplicidade discursiva de que são objetos pouco importantes

ou fontes sem informações demasiadas, as histórias em quadrinhos foram tratadas superficialmente por nomes importantes como Eric Hobsbawn e Umberto Eco².

Mesmo que a crítica sobre a fonte histórias em quadrinhos, e não ao objeto histórias em quadrinhos, venha a excluí-las dos jardins da História, trata-se da

história imediata, voltada para o tempo presente, seara até bem pouco exclusiva de jornalistas e sociólogos, e o que se consagrou como "retorno" da História política, nunca totalmente abandonada, mas vítima de significativo ostracismo durante grande parte do século XX (LUCA, 2008, p.114).

Ainda que se negue sua importância dentro de narrativas e de representações por quaisquer que sejam os forçosos motivos, nem mesmo o mais materialista e construtivista crítico negaria a importância do produto na compreensão, através de “sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros” (LUCA, 2008, p.116), de seu papel enquanto mecanismo de reprodução de um mundo social em ebulição.

E a crítica diante das representações e apropriações diante da singularidade ficcional e seu valor perde sustento se exigir, ainda assim, a busca por uma materialidade. Pois a fundação de um imaginário oriundo da dinâmica existente entre as representações individuais e coletivas é práxis fundamental nas germinações de identidades de grupos, as histórias em quadrinhos são fontes desses diálogos socioculturais intensos “e sua relação com a construção de identidades a partir do consumo, é das mais instigantes” (LUCA, 2008, p.122).

Sanando a confusão que acorrenta documentos com fontes e monumentos com objetos, se ilumina com eficácia o campo da teoria e da prática historiográficas. Entendendo documentos e monumentos como duas categorias de fontes com amplitude em suas naturezas não tão perenes e nem tanto inocentes e fonte e objeto como duas instrumentalidades na obtenção de dados e conhecimentos de uma realidade construída não mais presente. Com tal leveza, em elevação direta de consciência diante do conhecimento, se insere com segurança as histórias em quadrinhos nessa dupla categoria de

² Eric Hobsbawn, na obra *Era dos Extremos*, cita, ponderadamente, a presença das histórias em quadrinhos como fruto da indústria de periódicos, datando e comentando. Umberto Eco, em seu trabalho *Apocalípticos e Integrados*, aborda a funcionalidade dos quadrinhos na compreensão das sociedades envolvidas. Muitos outros nomes se fizeram importantes e o Brasil é país produtor de conhecimentos científicos sobre histórias em quadrinhos.

objeto-fonte e subentende sua possibilidade de existência enquanto documento e monumento da História.

É preciso, entretanto, demasiado cuidado no trato com o objeto e fonte histórias em quadrinhos, pois é corriqueiro cometer o deslize desastroso de confundir sua natureza de veículo cultural com a ideologia que é feita do uso de seus discursos (COELHO, 1993, p.12). Dessa forma, faz-se imprescindível que o pesquisador que se depara com tão singular e estranho objeto e fonte compreenda que “não se pode julgar um meio pelo uso dele feito” (COELHO, 1993, p.20).

Histórias em quadrinhos como fontes

Tornou-se comum a relação imaginária de um investigativo pesquisador nos campos da história com suas fontes empoeiradas e carregadas de idade. Quando o assunto é fonte histórica duas veredas seduzem este imaginário: Os monumentos e os documentos. Enquanto o primeiro é pivô direto de um registro do passado perpetuado palpavelmente, o segundo registro mantém-se na produção formal de uma memória perenizada em escritos.

O historiador Jacques Le Goff adentrou a reflexão sobre essas duas planícies ao tratar de ambas em livro História e Memória e objetivo capítulo chamado Monumento/ Documento. Inicia texto confrontando informações sobre os dois materiais de registros, o primeiro tratado como herança material de um passado e o segundo como seleção consciente de um discurso sobre a realidade.

O positivismo carregou poderes, gerou limites, agregou valores fixos e condensou um paradigma mental ao eleger a supremacia do documento diante do monumento, uma voz mais poderosa, e seu papel de prova. Por muito tempo o documento escrito, e somente esta natureza documental, manteve-se como triunfante. Entretanto, mesmo no apogeu do século XIX e do positivismo, interferências nessa hegemonia foram premissas para as análises de idiomas, mitos e a ficção, como alternativas para as ausências de documentos (LE GOFF, p. 539).

Somente com a escola dos Annales essas limitações precisaram ser rompidas e ampliou-se o conceito de documento. Exigiu-se, então, mais sagacidade ao historiador quando deparado com a escassez de fontes documentais escritas. O historiador Marc Bloch não apenas acusou os perigos do uso unísono do documento escrito, formal, como alertou

que, em muitos casos, esses registros deveriam ser questionados enquanto veracidades em seus falares.

Para BLOCH (2001, p. 98), é dever do historiador fazer a crítica documental, e nisso ele não estava sozinho, já que “questionar o documento” é importantíssimo até mesmo para sua legitimação ou legitimação de um discurso, no pensar de Michel FOUCAULT (1969, p. 13). A crítica documental nasce pela busca de confiabilidade em textos e registros medievais, mas vai muito além (LE GOFF, 1990. p.543).

Os questionamentos diante dos documentos/monumentos são fundamentais na investigação que pretende extrair informações úteis de um conjunto de discursos carregado de interferências. A pró-atividade diante das fontes e dos objetos, como pensou também Michael Foucault, é o ponto de partida para uma investigação eficiente, sendo parte inerente da problemática historiográfica.

De então, o conceito de documento extrapolou os gradis limitadores que outrora eram espaços legitimadores de seu papel de fonte. A revolução documental empreendida amplia-se, indo além dos textos tradicionais, entendido agora como conjuntos de dados, uma transferência da memória à História, não mais exclusivo do registro escrito (LE GOFF, p.10).

As fontes são mecanismos e caminhos que permitem ao historiador atravessar olhares da obscuridade de seu tempo em relação ao passado, como uma ponte ligando os dois espaços, mas não permitindo a travessia em sua plenitude, apenas fornecendo os dados e sinais que passarão pelo prisma do historiador na compreensão desse passado.

As fontes não falarão de si, mas por si, sobre os questionamentos que o pretendido investigador do passado se propuser a fazer e falarão de acordo com os instrumentos que o mesmo se dispuser a usar. Alguns momentos demonstrarão que instrumentos se tornarão inúteis, questionamentos serão vagos e até mesmo algumas fontes serão demasiadamente limitadas. Haverá de ter criatividade e engenhosidade para se encontrar atalhes na ausência de estradas mais confortáveis.

A natureza de objeto histórico das histórias em quadrinhos

Assim como objeto está vinculado inexoravelmente ao passado, sendo parte do mesmo, resistente ao tempo, carregando em si os vestígios diversos possíveis, a prática do historiador refere-se ao presente e aos discursos em ebulição, entre mudanças e

permanências, “permanências ocultas e rupturas instauradas” (CERTEAU, 1982, p.42). As histórias em quadrinhos vão carregar, dessa forma, carga estrutural igualitária que lhes legitimam como uma fonte histórica na compreensão do passado em vestígios e um objeto histórico fruto deste mesmo passado registrado, pois transmitem as informações dos discursos do passado e são práticas desse passado.

Essa peça do passado que sobrevive ao tempo, o objeto, é foco de análises e estudos para compreender a História humana. Usualmente, e de forma bastante superficial, o objeto se restringiu ao material tido como monumento. Carregado de uma memória completa, fechada, integral, na concepção de historiadores tradicionais do positivismo e seus frutos, os monumentos são os objetos da história em primazia. Fez-se a relação simplória de aspectos imagéticos com descrição da realidade histórica, do passado tal como ele foi através de seu mais perfeito vestígio.

Obviamente tal falácia sobrevive pouco quando os estudos sobre os elementos visuais ou concepcionais de um objeto são intercalados com outras fontes e outros elementos do conhecimento humano. Elementos visuais obedecem a padrões, são frutos de interpretações e registram de um imaginário sobre a realidade até obediências à idealização de uma realidade social e cultural e seus valores.

Os objetos são os vestígios do passado passíveis de manuseio mais direto e proximidade para o inquérito. As histórias em quadrinhos confortavelmente são inseridas nessa categoria, pois são registros diretos ou indiretos de discursos e valores, representam diversos imaginários das realidades sociais e culturais que propõem narrar entre textos e imagens. Produtos de um mercado com vivacidade, carregam facilmente uma biblioteca e somam imensuráveis conjuntos de obras, de autores, artistas, produtores, etc. Fazem isso com intensidade maior que outras mídias da Indústria Cultural, como o cinema e a televisão, pois possuem semelhança com jornais e novelas.

Transformar o objeto em documento, ou seja, delimitar, através da eleição de dados da validação dos mesmos, é trabalho do pesquisador. Tal trabalho, entretanto, não é puramente arbitrário, pois precisa da aceitação de seus pares de campo científico para ser legítimo. O historiador francês Michel de Certeau deu seguimento à reflexão sobre o papel do historiador em seu trabalho *A Escrita da História*. Definiu no capítulo de título Operação Historiográfica os elementos presentes na prática da história. As relações entre objeto, fonte

e prática são as mais importantes engrenagens da História, e as histórias em quadrinhos atendem tais exigências.

Diante do objeto historicamente posicionado em mercados periódicos do entretenimento de leitura, o pesquisador encontra uma rede complexa de elementos que precisam ser decifrados e organizados. Histórias em quadrinhos abarcam a natureza material supracitada e o condicionante de produto que discursa de uma realidade social e cultural, registrado como documento, legitimado como objeto de um lugar e um tempo e permissível como fonte para estudar determinada historicidade.

Histórias em quadrinhos e prática historiográfica

As histórias em quadrinhos ressoam informações em diversas modalidades que ocupam. Numa relação não conflituosa, as histórias em quadrinhos são objetos de realidades sociais, carregados de redes de discursos, abraçando ou negando um específico imaginário, representando o mundo através dos pontos de vistas temporais e locais de seus produtores, pensado para ser consumido em acordo com poucas interferências. É o que Certeau chama de Lugar Social (CERTEAU, 1988), ainda que trate não do objeto ou da fonte, mas do historiador envolvido.

Quando trata das técnicas de produção da História, Certeau fala sobre fontes e objetos. A prática do historiador, ou seja, a produção do conhecimento histórico, está determinada pela seleção, eleição e reunião de objetos, documentos, registros, ou seja, fontes, através de operações técnicas que envolvem teorias e metodologias, bem como o aparato de “paradigmas” historiográficos. A palavra vem entre aspas justamente por que a ideia de bloco fechado é apenas um discurso, sendo um prejuízo ao conhecimento quando empreendida enquanto camisa-de-força. Valorização discursiva de grupo, não método.

É justamente essa força social quem define objetos e fontes a serem protegidas ou negligenciadas. O pouco trato acadêmico com as novas mudanças faz com que as lideranças pouco íntimas com as mudanças na prática historiográfica sejam pouco receptivas às histórias em quadrinhos enquanto objeto histórico rico de informações e fonte legítima a responder questões que as fontes tidas como tradicionais são incapazes de fornecer. As instituições históricas, segundo Certeau, “a instituição não dá apenas uma estabilidade social a uma “doutrina” [...] ela a torna possível e, sub-repticiamente, a determina” (1982, p. 69).

As histórias em quadrinhos, enquanto objetos e fontes, já estão inicialmente inseridas nessa realidade da prática historiográfica. Sua legitimação ainda caminha ao alcance da respeitabilidade, mas não estão mais marginalizados nos campos de conhecimentos. A prática que desvia dos modelos tradicionais vem sendo aplicada em eventos como as Jornadas Internacionais da Universidade São Paulo e os Fóruns de Pesquisadores em Arte Sequencial que são organizados pela Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial³.

Cabe, então, defini-las como objeto-fonte, para melhor atender em termo o que elas podem fornecer através de amplas instrumentalizações. Não é, obviamente, uma exclusividade da mídia chamada histórias em quadrinhos, mas é uma especificidade bastante proveitosa para compreender as amplitudes de sua ressonância em informações. Uma única publicação pode apresentar condutores diversos de informações históricas, do preço de sua capa às propagandas que acompanham e intercalam as narrativas, além, fundamentalmente, destas narrativas.

Permanências ou cancelamentos de títulos definem as sintonias que as narrativas efetivam com seus públicos. São produtos da Indústria Cultural que possuem mitologias próprias e solidificam, quando conquistam décadas de existência, uma memória. Registram falares e dizeres, discursos e imaginários. Através do que é risível ou abominável, do que é exótico ou corriqueiro, são frutos dos climas históricos⁴ em que habitam e dialogam com outros momentos através de suas releituras ou em suas definições enquanto cânones.

Faz-se necessário extrapolar os limites da simples análise das imagens presentes nos quadrinhos. Quando essa análise imagética é feita, pouco se aprofunda sobre linguagem e estilo, buscando apenas apropriar-se das imagens como demarcações visuais de uma informação limitada. Vai além: são produtos carregados de informações nas entrelinhas, exigindo-se ler muito além da semiótica, muito além da representação, muito além do superficial nem mesmo contemplado.

³ A ASPAS está localizada na cidade de Leopoldina, interior de Minas Gerais, tendo o suporte da Casa de Leitura Lya Müller Botelho, na mesma cidade. Foi fundada por pesquisadores que buscaram a troca de conhecimentos entre afins de diversos estados do país. Pode ser contatada no endereço eletrônico <http://aspasnacional.wordpress.com/>.

⁴ Tema correlacionado com quadrinhos em palestra ministrada pelo pesquisador Dr. Valdeci Lopes de Araújo, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) no III Encontro do Grupo de Estudo e Trabalho em História e Linguagem (GETHL) ocorrido em abril de 2014 na Universidade Federal de Minas Gerais.

Considerações Finais

Eventualmente as histórias em quadrinhos surgem em avaliações diversas de ensino, promovendo a relação entre produtos midiáticos e a construção do conhecimento. A historiografia contemporânea avançou em métodos e teorias que abarcam com mais eficácia os diversos tipos de fontes que possam promover o conhecimento histórico. Entretanto, os estudos históricos que debruçam-se sobre as fontes histórias em quadrinhos ainda enfrentam resistências dentro das tradições nas academias.

Os problemas surgidos com os avanços da historiografia só poderiam ser confrontados à medida que uma amplitude de fontes e tratos com fontes fosse permitido. O século XX deparou-se com tal situação, promovendo diálogos entre campos científicos e reflexões mais apuradas aos estudos do homem no tempo, como eternizou Marc Bloch o conceito de História (BLOCH, 2002). A História, ou melhor, sua ponderação, sua aplicabilidade científica, só existe diante do problema a ser confrontado e a racionalização de meios diversos para tal.

Dessa forma, houve uma ruptura visível com tradições e receios que acorrentavam os pesquisadores às chamadas fontes tradicionais, geralmente escritas, que marcaram os discursos positivistas de legitimidade: o documento como fonte confiável. O confronto vital para o fortalecimento da historiografia se deu entre os historiadores da escola dos Annales e as amarras temerosas de mudanças dos positivistas.

Foram sempre os problemas que ditaram, através das dificuldades, os caminhos necessários a serem trilhados pelo historiador. Diante do monstro chamado “problema” e as possibilidades de fontes úteis à sua resolução constroem-se métodos e teorias. A supremacia do documento formal, escrito, impossibilitava o historiador de fazer perguntas específicas para fontes inusitadas, fornecendo uma quantidade generosa de informações e, conseqüentemente, dificuldades diante dessas abordagens.

As histórias em quadrinhos carregam em sua natureza periódica e cultural uma diversidade assombrosa de informações, desde o construto imagético, dos discursos socialmente vividos e até mesmo das representações elaboradas. Seu trato enquanto fonte histórica paira ainda recente, exigindo a todo o momento readequações metodológicas e teorias, ora vindas de outros campos científicos que não a História, ora geradas através de especificidades das próprias fontes. História em quadrinhos é uma fonte historiográfica tão

grandiosa que assusta ao observador acostumado com jardins diante de uma floresta interminável e densa.

E essa floresta já foi entrecortada e explorada por diversos historiadores, mesmo diante das dificuldades de respeitabilidade resistidas da academia. O mercado de histórias em quadrinhos enraíza-se do século XIX e desfolha vertiginosamente por todo o século XX, dialogando com diversas realidades sociais, das críticas cômicas europeias aos super-heróis estadunidense, vivido entre duas guerras mundiais e assistido de perto as mudanças visuais e ideológicas nas diversas décadas, para cada geração de consumidores e para cada época.

Sempre como via de mão dupla, os estudos sobre histórias em quadrinhos dialogam expectativas sociais com discursos de grupos, ajudando a alimentar a construção social de um imaginário histórico. Fala-se de política e de defesa de ideais e valores. Escreve-se sobre mulheres e feminismos. Narra-se sobre negros e racismos. Concorde-se e discorde-se, nas marés dos indivíduos, das empresas, dos partidos. Assim como jornais, enciclopédias, novelas periódicas, as histórias em quadrinhos entram no hal das novas fontes, onde destacam-se os trabalhos de nomes como Robert Darnton, Carlo Ginzburg, Roger Chartier, entre outros.

São fontes, sim, mas não limitam-se a isso, já que carregam como um amálgama a sua natureza de objeto da história. As histórias em quadrinhos narram, entre fantasias e ficções, os falares de seu tempo e lugar social. São, dessa forma, objetos-fontes. São vestígios de realidades e construções e construtores destas, exigindo do pesquisador esse cuidado, ao deparar-se com suas informações e as transmissões das mesmas. Fundamentalmente quando são histórias em quadrinhos onde as narrativas pretendem representar um passado, a antiguidade em mitos gregos, grandes combates medievais ou aventuras de bandoleiros no velho oeste estadunidense.

E em terreno nacional essas discussões não estão pobres e superficiais, pelo contrário: estão enriquecidas de material e eventos. Em diversas publicações acadêmicas nacionais, com notas de qualificações respeitáveis, os diálogos sobre fontes históricas e amplitude nos objetos, fontes e métodos solidificam avanços. Os pesquisadores José D'Assunção Barros e Carla Bassanezi Pinsky⁵ são dois exemplos básicos dessas

⁵ José D'Assunção Barros tratou de fontes e métodos na coletânea *Teoria da História*. A historiadora Carla Bassanezi Pinsky, entre tantos trabalhos, organizou os livros *Fontes Históricas*, já citado, e *O Historiador e suas Fontes*, de grande importância para a produção científica brasileira.

circunstâncias. No caso das histórias em quadrinhos, além de publicações igualmente importantes, eventos produziram debates e lapidações nas diversas gerações de pesquisadores. Eventos tais que fomentaram a fundação de uma Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial, objetivando as relações entre os objetos-fontes e a prática científica e pedagógica.

A relação entre educação e o uso de histórias em quadrinhos em sala de aula enquanto instrumento eficaz não é nenhuma novidade. Diversos pesquisadores optaram pelo front onde a relação entre histórias em quadrinhos e sala de aula produz uma dinâmica de conhecimento, inclusive em História. Yuri Andreas Reblin, Nildo Viana, Waldomiro Vergueiros, Paulo Ramos, Ângela Rama, são os nomes de autores de produções que buscaram entender o objeto-fonte histórias em quadrinhos também como instrumento pedagógico.

Mas não é algo tão simples, utilizar de uma obra escolhida para ser feita a prática pedagógica. Primeiro é preciso entender como as histórias em quadrinhos podem e devem ser usadas⁶, observar quais obras funcionam para a transmissão da informação pretendida e qual eficácia tal instrumento pode oferecer na construção do conhecimento. A coordenação de Material Didático do Ministério da Educação já recomenda e sugere o uso desse material como suporte pedagógico nas listas de gêneros textuais. Além, claro, de trabalhos práticos como a Gibiteca da Escola Municipal Judith Lintz Guedes Machado, os esforços da historiadora e professora Natania Nogueira⁷, na cidade de Leopoldina.

Difícil se pensar a prática do instrumento história em quadrinhos em sala de aula sem o suporte teórico e metodológico produzido por pesquisadores em diversas áreas dentro das engrenagens científicas. Para tal, é preciso que os espaços acadêmicos sejam ocupados por tais pesquisadores e que de forma dinâmica as suas pesquisas sejam processadas em diálogos, releituras, avanços. Da mesma forma que acontece com outras mídias, como o cinema, e outros formatos textuais, como a literatura e a poesia, é preciso que o professor compreenda as minúcias que envolvem as histórias em quadrinhos, e tais autópsias são produzidas por pesquisadores esforçados e seus instrumentos.

⁶ Esse campo é bastante explorado nas publicações sobre quadrinhos, como são exemplos o Waldomiro Vergueiros da Escola de Comunicação e Arte da Universidade São Paulo e o jornalista e pesquisador Paulo Ramos.

⁷ Inaugurada em 2007, a Gibiteca mescla o prazer da leitura e a produção de conhecimento. Atende os alunos e fornece informações em seu domínio <http://gibitecacom.blogspot.com.br/>.

Referências

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História*. 5 volumes. Vozes, Petrópolis, 2011.

BLOCH, MARC. *Apologia da História, ou o Ofício do Historiador*. Tradução: André Telles, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1982.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, São Paulo, 1993.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: 1929-1989*. Tradução: Nilo Odália. UNESP, São Paulo, 1991.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. 5ª ed. Perspectiva, São Paulo, 1993.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)*. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História E Memória*. Tradução Bernardo Leitão (et al.). Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

LUCA, Tania Regina de. *Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos Periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi(org). *Fontes Históricas*. 2º Ed. São Paulo, Editora Contexto, 2008.

PINSKY, Carla; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. Contexto, São Paulo, 2009.